

Quem teve peso em 80

Nas páginas 4 e 5 o balanço do ano passado, o avanço das lutas do povo e o fracasso dos planos do regime militar



Foto de Figueiredo e seu ministério em março de 1979. Em 21 meses de governo foram sete ministros substituídos: 1) Eduardo Portella; 2) Saïd Farhat; 3) José Maria de Andrade Serpa; 4) Petrônio Portela; 5) Mário Henrique Simonsen; 6) Mário Augusto de Castro Lima; 7) Karlös Rischbieter. Quem serão os próximos?



No vestibular só passa tendo «nota»

Leia na página 8

Funcionários dizem que vão parar

Página 2

ASSASSINATOS QUE O POVO NÃO ESQUECE

Página 8

Editorial

Promessa para 1981

Na sua posse o general Figueiredo e sua equipe de governo fizeram promessas de democracia e de bem-estar. Prometeram controlar a inflação e a dívida externa, prometeram eleições, prometeram democraticamente o que não podem e o que não querem fazer.

Enquanto isto, teimosamente, os fatos iam mostrando atrás de cada promessa uma mentira, ou um fracasso. Para o ano de 1981, o general mudou de tom e anunciou muito trabalho e pouco dinheiro. Mas sr. General, não foi exatamente muito trabalho, muita exploração e pouco dinheiro que estes 16 anos de regime militar impuseram aos trabalhadores? Nestes anos de dominação das botas e dos fuzis, a classe operária não viveu esmagada pelo arrocho salarial, pelas horas extras, pela rotatividade da mão-de-obra, pelo desemprego? Não foi para manter esta superexploração que as forças armadas prenderam, torturaram e assassinaram um total de meio milhão de brasileiros que não baixaram a cabeça? Não foi para isto que os parlamentares foram cassados, sindicatos sofreram intervenção, milhares de pessoas foram obrigadas a viver longe de suas famílias no exílio?

Do ponto de vista da classe operária, o general Figueiredo apenas realizou o que, enquanto existir regime militar, o povo vai trabalhar como escravo e os patrões multinacionais (e nacionais) vão rece-

ber lucros fabulosos. Enquanto este regime se mantiver os trabalhadores vão continuar fazendo horas extras que prolongam a jornada de trabalho para 10, 12, 14 e mais horas, para conseguir um salário cada vez mais mínimo. E o pão, o leite, a carne, o feijão, cada vez mais caros, vão continuar desaparecendo da mesa do povo.

Mas os regimes políticos não são eternos. E cresce o sentimento de que é preciso derrubar este regime de fome e de opressão, que defende a burguesia, os latifundiários e o capital estrangeiro. Substituí-lo por um governo provisório, do qual participem todos os setores democráticos e as forças populares unidas. Contando com amplo apoio de massas, este governo pode revogar a atual política econômica nociva ao povo, pode eliminar as leis arbitrárias e antidemocráticas, e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita com liberdade. Participando deste amplo movimento de frente única, a classe operária contribuirá para a sua organização, a de seus aliados, e abrirá caminho para um governo de democracia popular, em marcha para o socialismo.

Assim, se a promessa dos generais para 1981 é de fome e muito trabalho, a promessa da classe operária é de luta, muita luta. Pelo pão, pela terra, pela Constituinte, pela liberdade, pelo socialismo.

Operários de Ribeirão votam bem e limpam o Sindicato

Leia na última página

A outra sova na pelegada foi dada pelos eletricitários da Bahia

Página 8



Urna na Zanini, a maior metalúrgica da região

LUTA SALARIAL DOS SERVIDORES PUBLICOS

Greve nacional de um dia

De pé e sob fortes aplausos foi aprovado por cerca de mil servidores públicos federais da previdência social um voto, de "persona non grata" da categoria, aos ministros Delfim Neto e Jair Soares. Esta manifestação, ocorrida na última Assembleia da classe, no dia 19, evidencia a combatividade dos funcionários públicos na luta pelo reajuste salarial, o 13º salário, por um aumento salarial justo e pelo direito à sindicalização.

Os trabalhadores no INPS, INAMPS e IAPAS têm sido (juntamente com o restante do funcionalismo público) totalmente marginalizados da grande vitória dos trabalhadores, que é o reajuste salarial. Além disto têm recebido aumentos salariais sempre abaixo do custo de vida. Só no ano que passou a deflacionar entre os aumentos salariais e o índice do custo de vida foi de 142%.

GREVE NACIONAL

Outra decisão importante tomada nesta Assembleia é a da realização de um Dia Nacional de Luta, em 1º de Abril, com a paralisação geral e nacional de toda a categoria. Nesta data será dado pelo governo a segunda parcela do miserável aumento salarial de 1981, que é no total de 82,25%. Com esta paralisação de um dia a gente mede a nossa força para se o governo não der maiores aumentos, para por tempo indeterminado", afirma um dos membros da coordenação da campanha.



A participação na Assembleia foi bastante intensa

De hoje até 1º de abril é objetivo mobilizar tanto os funcionários públicos federais, como os estaduais e municipais para esta greve de um dia. A paralisação entre os federais já é quase certa, por que além da participação de vários estados nesta articulação (na assembleia do dia 19 havia servidores do Pará e Paraná) há o apoio da União Nacional dos Servidores Públicos, a UNSP, que tem entidades filiadas espalhadas por todo o país. E para tentar a unificação com os estaduais e municipais foi votada a realização de encontros em todos os Estados no dia 25 de fevereiro.

BURRICES DOS MINISTROS

Ficou claro que os funcionários

públicos estão decididos a lutar. Vários oradores, na maioria pessoas "velhas de casa", demonstraram rancor frente ao desrespeito do governo Federal.

Afirmou um servidor, sendo muito aplaudido: "enquanto nós mendigamos o pão para os nossos filhos, as madames de Brasília usam aviões particulares para irem ao cabocreiro".

Após a Assembleia algumas pessoas puxaram a palavra de ordem: "Funcionários unidos, jamais serão vencidos", deixando claro que a batalha está só começando, "e que a gente vai precisar de muita união e organização em todas as seções, cidade do interior, enfim, em todo o país, para conquistarmos a vitória".

ELEIÇÕES METALÚRGICAS EM OSASCO - SP

Duas chapas na batalha

Nos dias 29 e 30 de janeiro haverá eleições para o sindicato dos metalúrgicos de Osasco, município de São Paulo conhecido pela sua tradição de luta e grande concentração operária. Foi lá que em 1968 os operários em greve tomaram a metalúrgica Cobrasma. Imediatamente depois o Exército invadiu a indústria, fazendo daquela greve um dos mais importantes sinais de resistência à ditadura militar.

CHAPA É A MELHOR
Duas chapas vão concorrer e está em uma campanha eleitoral a que tem maiores

possibilidades de dinamizar e popularizar o Sindicato, de desenvolver a luta contra os péssimos salários e condições de trabalho.

Carlos Aparício Clemente, que concorre à segunda gestão, explica que "o Sindicato nesta última gestão mudou bastante. Antes era só o presidente que saía da sede, o resto era tudo burocrata. A partir de 78, mesmo com as restrições da estrutura sindical, desburocratizamos um pouco o sindicato, multiplicamos a sindicalização, aumentamos de 10 para 25 mil exemplares o jornal do sindicato, realizamos seminários e congressos".

Clemente rechaça violentamente as acusações de peleguismo feitas pela Chapa 2, de oposição, que é apoiada pelas forças que compõem o PT de Osasco. "Podemos ser ainda poucos experientes, mas não somos traidores. Muitos de nós já dormiram na cadeia por estar nas portas de fábrica mobilizando os companheiros para a luta. Nunca impedimos a participação de ninguém no sindicato, seja comunista, socialista, etc. O que não aceitamos é deixar o sindicato virar sede de um partido político, como eles querem, o que só prejudicaria a entidade. A classe operária não quer a divisão".



O Congresso previa novas lutas em 1981

CONGRESSO NACIONAL CONTRA A CARESTIA

Ampliar a participação

O 1º Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia significou um passo adiante para a compreensão dos diversos aspectos da luta das massas trabalhadoras contra a fome e a exploração, bem como o que é o Movimento Contra a Carestia (MCC), sua organização e métodos de luta.

1980 encerrou-se com uma das mais altas taxas de inflação dos 480 anos de existência do Brasil. As perspectivas para o novo ano são ainda piores. Novos e escombros aumentos são anunciados para os primeiros dias de 1981: energia elétrica, comunicações, transportes, carne, leite, pão, açúcar, aluguéis e prestações de casas — enfim os itens que mais pesam no orçamento popular.

O POVO NÃO FICA PARADO

As massas não podem e não devem ficar impassíveis nessa situação. Protestos, manifestações, mobilizações contra o aumento dos preços ocorrerão nas mais diversas partes do território nacional. Operários, donas-de-casa, funcionários, assalariados agrícolas e pequenos proprietários do campo, estudantes e mesmo setores da pequena e média burguesia estarão presentes nessas lutas, que deverão engajar um número cada vez maior

de pessoas e assumir formas mais radicais.

UNIDADE DE AÇÃO

É evidente que um movimento de tal envergadura não poderia ser restringido aos marcos de uma única forma de organização. Além do movimento específico contra a carestia, o MCC, todas as entidades de cunho popular deverão ser incorporadas às ações e lutas.

No entanto, a luta contra a carestia não pode ser espontânea. Necessita ser orientada no sentido da unidade de ação, para que possa abarcar amplas camadas da população.

Os interesses em jogo são profundos. As causas que determinam a carestia de vida são estruturais e não apenas conjunturas. A permanente elevação dos preços dos produtos de consumo popular só será possível quando as massas trabalhadoras — com o proletariado à frente — inveterem as rédeas do comando político e econômico.

ORGANIZAR O MCC

A história da luta do nosso povo tem demonstrado que é possível as vitórias parciais na luta contra a carestia. Conquistar o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, dos serviços públicos, transportes, aluguéis e ou-

tros, requer formas de luta e de organização que tenham possibilidade de mobilizar milhões de pessoas em todo país. O 1º Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia aprovou importante resolução nesse sentido. A organização vai desde os núcleos nos bairros, povoados, vilas, categorias profissionais até as coordenações e caráter municipal, estadual e nacional. Nestas coordenações deverão estar presentes representantes dos núcleos do MCC e de todas as entidades de caráter popular que desejarem participar da luta contra a carestia. A presença em Belo Horizonte de dezenas de entidades, entre elas sindicatos e federações de trabalhadores da cidade e do campo, entidades de bairro, entidades estudantis e partidos políticos, mostrou que a luta contra a carestia pode ter grande amplitude. É necessário que esta ampla participação se reflita ainda mais na organização do MCC em nível municipal e estadual.

A luta contra a carestia jogará importante papel nas mobilizações populares do ano que se inicia, pois é a própria luta pela sobrevivência de milhões de brasileiros vítimas da exploração. O dilema fome-sobrevivência se rompe com a unidade e a luta de todos os setores combativos da população. (C.R.)

CONGRESSO DE DO

Unir na CPB

Serão realizados no mês de janeiro dois congressos de professores. Um em Recife, de 14 a 17, convocado por algumas entidades professoras de 1ª e 2ª graus da rede oficial. O outro, de 24 a 30 em Fortaleza, convocado pela Confederação dos Professores do Brasil (CPB), entidade existente há muito tempo, que congrega os professores de 1ª e 2ª graus da rede oficial de todo o país.

TLO ouviu Domingos Martins, participante do movimento do professorado paulista, sobre as questões que norteiam as duas articulações nacionais: "A preocupação de se unificar o professorado de todos os níveis e redes é justa e deve passar necessariamente pela articulação das entidades nacionais, estaduais e municipais já existentes. Sob a alegação de que a CPB é "fantasma" e não representa a categoria, o Congresso de Recife tem como objetivo criar uma "nova" entidade nacional de professores de 1ª e 2ª graus. Tal proposta é prejudicial aos professores, divide suas forças. Mesmo quando uma direção de entidade leva uma ação antidemocrática e contra os trabalhadores, estes devem participar dela e levá-la à tonação e combativa. É fundamental a participação nos dois congressos. No primeiro, para combater o paralelismo e lutar pela unidade.

No congresso da CPB devemos brigar pela sua democratização e pela participação de todos na campanha nacional por mais verbas para a educação. Que sejam tiradas formas concretas de luta por dois pontos, que já fazem parte de seu programa: o fim do regime militar e pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte".

Tribuna Operária

Administrativo responsável: Paulo de Oliveira
Conselho de direção: José Carlos Fernandes, Benedito Jureta, Otaí Nogueira, César Aguiar
Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, São Paulo, SP - São Paulo, capital - CEP 01325-20-70

Suportado: Rio de Janeiro: II. José Carlos Silva, Lúcia - CEP 20041, Minas Gerais: R. Comendador Proença, 348-355, Curitiba: Rua Grande de São João, 100 - CEP 80000-000, Rio de Janeiro: Rua Alameda - CEP 90000, Ceará: R. Floriano, 313-326, Pernambuco: CEP 70000

Expedito Santos, Av. Antônio Monteiro, 352, São Paulo - CEP 01000-000, Pernambuco: Rua 13 de Setembro, 457 - J. Recife - CEP 50000-000, Bahia: Rua 13 de Setembro, 457 - J. Salvador - CEP 40000-000, Maranhão: Rua 13 de Setembro, 457 - J. São Luís - CEP 65000-000, Mato Grosso do Sul: Rua 13 de Setembro, 457 - J. Campo Grande - CEP 79000-000, Goiás: Rua 13 de Setembro, 457 - J. Goiânia - CEP 74000-000, Paraná: Rua 13 de Setembro, 457 - J. Curitiba - CEP 81000-000, São Paulo: Rua 13 de Setembro, 457 - J. São Paulo - CEP 01000-000

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda., impressora na Cia. Editora Garibaldi Ltda. - Rua do Cururu, 44 - Fone: 031-6600 - SP.



Favelados comemoram vitória da luta pela luz elétrica

MOVIMENTO DE FAVELAS - SP

Favelados conseguem luz

Foi com muita animação que os moradores do Jardim Valquíria, na zona sul de São Paulo, comemoraram no dia 27 a chegada da luz elétrica no seu bairro. Esta vitória só foi possível graças à união de todos, conforme afirmam os moradores daquela favela. Para o grande bloco que foi feito, especialmente para aquele momento, a maioria dos favelados contribuiu com uma pequena quantia.

A luta pela luz elétrica já vinha sendo levada há mais de um ano. A luta vinha com uma enorme burocracia sempre dizia que não podia fazer a ligação e os mandava de um lugar para outro. Casos dessa embrocagem, os moradores decidiram ir diretamente até o

prefeito para pressioná-lo. Nesta reunião o prefeito prometeu-lhes as ligações com a instalação dos postes gratuitamente.

Dona Sebastiana Dias, a moradora mais antiga do Jardim Valquíria, muito emocionada durante a festa dura que "agora temos que partir para outras lutas". Os moradores também fizeram uma homenagem a Lourdes e Hilda, as duas jovens que iniciaram o movimento pela luz elétrica.

Na favela da Cidade Leonor, na zona sul, onde moram mais de 10 mil pessoas também houve festa. Dia 20 de dezembro foi inaugurado o salão para reuniões, feito em um túnel como mais de 300 pessoas.

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA
Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.
ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____ Fone: _____
Estou remetendo um cheque de Cr\$ 750,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itau - Agência Jacaguarã - conta n.º 03134 - São Paulo - Capital

Apoio às lutas

João Pessoa, PB - Foi formalizado no último dia 17 em João Pessoa o Comitê Permanente de Solidariedade às Lutas Populares. O surgimento deste comitê se dá em função da necessidade de organizar o apoio das diversas entidades democráticas e populares aos trabalhadores e demais setores em luta, em especial aos camponeses, já que na Paraíba são constantes os conflitos pela terra. Agora mesmo desmoronou-se o conflito desta natureza em Camuim e Alagoinha, onde, ao contrário do que diz o governo, não há paz. Participaram desta reunião cerca de 16 entidades, inclusive vários sindicatos rurais e jornais alternativos, entre eles a Tribuna Operária. (Da Sucursal)

PDS x Camponeses

Água Branca, AL - O latifundiário e deputado estadual pelo PDS algoinho Roberto Torres está ameaçando de morte os camponeses de Água Branca que pretendem organizar o PMDB local. Na região não chegou a existir o antigo MDB. A família Torres nunca permitiu. Mas agora um grupo de trabalhadores da região está organizando o PMDB. A reação de Torres não se fez esperar: seus camponeses estão ameaçando de morte os organizadores do partido oposicionista. Ao mesmo tempo, o governo estadual ocorre os latifundiários que o aplaudem não permite aos camponeses realizar serviços nas frentes de trabalho contra a seca. Negueiros, inclusive, aos latifundiários. O deputado Roberto Torres disse na presença de testemunhas que "a lei da espargadora ainda não acabou aqui. Prevê-se novos conflitos na região. (Do correspondente)

Preparar o ENCLAT

Trabalhadores unidos, AL - Os trabalhadores de Alagoas que, através de trinta entidades sindicais enviaram uma nota energética ao Presidente da República em fins de novembro, contendo importantes reivindicações, foram mais adiante e estão preparando o ENCLAT, Encontro das Classes Trabalhadoras de Alagoas. No dia 3 de fevereiro, no auditório da Delegacia Regional do Trabalho, será feita a partir das 9 horas da manhã uma reunião preparatória do ENCLAT. (Da Sucursal)

Ritmo de Congresso

São Paulo-SP - A coordenação do II Congresso de Mulheres Paulista - região Sul de São Paulo, com sua assessoria e pessoas interessadas para o pro-

DE NORTE A SUL

Boletim dos Bairros

Rio de Janeiro, RJ - Voltou a circular novamente o jornal Boletim dos Bairros, agora com uma nova cara. Seus organizadores resolveram relançar o jornal aprimorando a sua diagramação e sobretudo, deixaram melhor a sua linha editorial. Neste número de relançamento, seus artigos tratam da falta do feijão, dos transportes coletivos não quebrando, e a conclusão e da luta pela Constituinte. Trata também de problemas específicos de alguns bairros e pequenas notícias. (Da sucursal)

Boletim dos bairros

Rio de Janeiro, RJ - Voltou a circular novamente o jornal Boletim dos Bairros, agora com uma nova cara. Seus organizadores resolveram relançar o jornal aprimorando a sua diagramação e sobretudo, deixaram melhor a sua linha editorial. Neste número de relançamento, seus artigos tratam da falta do feijão, dos transportes coletivos não quebrando, e a conclusão e da luta pela Constituinte. Trata também de problemas específicos de alguns bairros e pequenas notícias. (Da sucursal)

Novo diretoria

Eletricitários - PE - Na posse da nova diretoria do sindicato dos eletricitários, Edvaldo Gomes e Noriza, engenheiro da CHESF, e novo Presidente, foi bastante aplaudido. "Repudiamos o sindicalismo burocrático e pélogo, trabalho infiltrado dos patrões no meio trabalhista". Críticas aos o paralelismo sindical, prática de alguns combativos trabalhadores e trabalhadoras, que não percebem a importância do trabalho dentro dos sindicatos existentes, com o objetivo de transformá-los em casas dos trabalhadores e bases da luta pela liberdade e autonomia sindical. (Da Sucursal)

Prefeito metido

Furando a unidade dos trabalhadores rurais de Manga, cidade do Norte de Minas, o prefeito Sívio Pereira Gonçalves, do PDS, fazendeiro e gileiro, está articulando uma chapa para derrotar a chapa de Anísio Pereira Soares, combativo candidato à Presidência. Missão atual secretária, trazendo os interesses da categoria, utilizando inclusive de carros e infraestrutura da Prefeitura, faz oposição. Anísio. Os trabalhadores rurais de Manga já têm criticado bastante a tração de Messias, o homem de terno, e tentam mostrar-lhe a sua opinião. (Da Sucursal)

Alto encontro preparatório que será realizado no dia 10 de janeiro de 1981 no Serviço de Orientação da Família (SOF), na rua Jacamim n.º 23 a 14 h. Essa reunião tratará dos critérios para a escolha e eleição dos representantes da região Sul para compor a coordenação do Congresso a partir do dia 15 de janeiro de 1981. Apresentará informes das comissões de trabalho e criará novas comissões.

A greve organiza

Professores, PB - Num clima de muita alegria foi fundada no dia 18 de dezembro a Associação dos Funcionários da Universidade Federal da Paraíba. A ideia da formação da entidade já existia há algum tempo, mas foi com a última greve dos docentes universitários que ganhou mais força. A UFUPB surge com uma proposta bastante combativa e conforme frisa seus estatutos, "independente e autônoma em relação à estrutura administrativa da UFPA". A nova diretoria será eleita em março próximo, ficando até lá uma diretoria provisória. (Da Sucursal)

Truque sujo

Construção Civil, BA - O pelego José Veloso do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil de Salvador, que já está prejudicando a categoria há catorze anos, fez mais um truque sujo e publicou o Edital de Convocação das Eleições apenas cinco dias antes do prazo legal. A chapa de oposição, tendo à frente Daniel Francisco dos Santos não teve condições de inscrever e está travando uma batalha legal, contando com o apoio dos trabalhadores e de outros sindicatos.

Amazonas entusiasma bahianos

O líder do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas, foi à Bahia para a inauguração do Centro de Cultura Operária, fazendo uma palestra para 1200 pessoas e concedendo uma entrevista coletiva para a imprensa.

A viagem de João Amazonas à Bahia marcou profundamente os meios oposicionistas baianos. Desde o aeroporto, onde era aguardado por mais de 200 pessoas, até a palestra no CCO e a entrevista coletiva à imprensa, foi grande o carinho, não só dos comunistas mas do conjunto dos patriotas e democratas de Salvador.

A saudação calorosa do Presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia da Bahia, Joviano Neto, no Aeroporto, as rosas vermelhas entregues por um grupo de mulheres democráticas, o carinho de todos que se aproximavam e queriam falar com João Amazonas demonstraram o prestígio desse incansável combatente da classe operária.



João Amazonas durante entrevista coletiva no sindicato dos jornalistas.

Muito limitada. Os militares tentam manter o monopólio do poder político, mas não contam com o apoio do povo e fazem manobras que os levam a um isolamento maior, provocando o desastre que estamos vivendo hoje à crise geral" (da Sucursal de Salvador)



Os guerrilheiros preocuparam-se em morar como o povo

Viver e lutar com o povo

Neste terceiro artigo, Paulo Fonteles conta como foi a integração dos futuros guerrilheiros do Araguaia com o povo dos Caianos.



Caianos é um córrego que corre aproximadamente 60 quilômetros abaixo de São Geraldo, cidadezinha paranaense em frente a Xambioá. Em 1968, Paulo Rodrigues Daniel Callado e Amaro Lins instalaram uma posse ali, onde Paulo já era bem conhecido, como regatão. Depois chegavam Dina, Antônio da Dina, Bergson, Aurea, An, Vito, João Carlos Sobrinho e outros.

OPERAÇÃO COM GILETE

A integração na vida do povo foi perfeita. Eles trabalhavam, viviam, comiam como o povo pobre daqueles rincões. Ainda hoje, quando se fala dos "pauletas", como eram chamados, todas as referências, absolutamente todas, são altamente elogiosas.

Juca, João Carlos Sobrinho e Dina são sempre lembrados, talvez pelos seus conhecimentos de medicina. Certa vez, Juca mandou as lavas a segurança e com uma gilete fez uma operação — para salvar o pé de um lavrador, dizem uns, para salvar a vida de uma mulher que estava com um feto morto no ventre, dizem outros. Dina era parteira. "Aparadora que nem ela não havia", conta uma moradora. Tinha muitos afiliados. "Paulo gostava de uma branquinha (cachaca), mas era muito sereno. Daniel não gostava de festa, mas era revoltoso, qualquer coisa queria brigar. Já o Jorge gostava era de música", contam.

INTEGRAÇÃO NA LUTA

A integração nas lutas locais também se realizou nos Caianos, embora a palavra "política" fosse de certa forma proibida. "Fora eles que iniciaram, em 1970, a primeira resistência efetiva à gri-

lagem nos Caianos, hoje um centro das lutas camponesas no Araguaia. Antônimo da IMPAR (Indústria Madeireira do Pará), tentou começar um grilo logo em cima das terras de Paulo. Um posseiro conta: "O Antônimo mandou dizer ao Paulo que ia mandar fazer uma picada pegando a posse dele. E que se o Paulo não quisesse sair ia ter muita bala pra ele. O Paulo mandou responder que as mesmas balas que o Antônimo tinha pra ele, ele, Paulo, também tinha pra Antônimo. O grilero não tomou coragem e atalhou a picada dele pra outro lado. Isso amoumu muito o pessoal".

TRABALHO SEM DISCURSOS

A preparação de futuras lideranças camponesas também se fazia. Pacientemente, através do estreito contato pessoal, os futuros guerrilheiros iam descobrindo os camponeses mais firmes e decididos, mais esclarecidos. Sabia-se que, a boca fechada, algumas questões de natureza política eram tratadas entre os militantes do PCdoB e algumas lideranças de massa, preparando os embates que viriam.

Paralelamente a esse trabalho, no mais rigoroso segredo, ia se fazendo a preparação militar, individual e coletiva, teórica e prática. Toda a região ia sendo mapeada, os jagars são reconhecidos, as grutas anotadas, a selva tornando-se amiga.

De tudo pode-se concluir que, se o trabalho político anterior à guerra não se fazia através de discursos, nem havia detido profundas raízes, ele se realizava, com vistas ao futuro, integrado às lutas e experiências das massas locais. Isto é fato.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A causa da mulher

A desigualdade de direitos entre homens e mulheres é uma chaga antiga que surge com a divisão da sociedade em classes e só desaparecerá no socialismo. Na sociedade primitiva, homens e mulheres tinham responsabilidades iguais. Dividiam as tarefas de produzir os bens necessários à sobrevivência, preparar os alimentos e educar as crianças.

Com a introdução da pecuária, a divisão sexual do trabalho começa a pronunciarse. As mulheres, devido à maternidade, ficam encarregadas dos trabalhos domésticos. Os homens ocupam-se da criação de gado, o que permite uma certa acumulação de produtos, como couro, queijos, etc.

Ocorre então que os homens começam a ter uma situação privilegiada na família em relação às mulheres. Alguns deles conseguem acumular mais do que outros e começam a empregar a força de trabalho de outros homens. Surgem assim os exploradores e explorados. Mas todos os homens, sem exceção, têm uma situação privilegiada em relação às mulheres na família.

NO CAPITALISMO Com a evolução da sociedade de classes, e o surgimento do capitalismo, a exploração da mulher assume formas mais distorcidas, mas nem por isso é menor. Hoje, como ontem, a mulher é vista como uma propriedade do homem, embora isso não se verifique da mesma maneira em todas as classes. As burguesas participam da exploração de outras mulheres e homens, na medida em que são co-proprietárias dos meios de produção. As trabalhadoras são as mais oprimidas, porque além de serem exploradas pelo patrão, são vítimas dos preconceitos e ideias atrasadas de seus pais, irmãos e companheiros. A mulher é um produtor sem direitos, um trabalhador sem salário. Quando trabalha fora, recebe menos e é mais perseguida. Raramente é promovida. Constitui uma massa de reserva: é empregada quando os patrões necessitam de maior produção com menos gastos.

SURGE O FEMINISMO

Mas ao jogar milhões de mulheres no trabalho produtivo, o capitalismo, paradoxalmente, liberta as mulheres, limites estreitos do "lar" para que engrosse o exército de proletários. Não por acaso, foi sob este sistema que surgiu, há pouco mais de um século, o movimento feminista: um movimento democrático, de luta pelos direitos da mulher, porém estreitamente ligado com o movimento socialista.

Desde então, as mulheres vêm travando um árduo combate para abolir a estrutura social que permite sua exploração e simultaneamente uma luta ideológica contra os conceitos atrasados de seus pais, irmãos e companheiros. Além de participar ativamente em todos os movimentos libertários, buscam também criar formas próprias de organização e de luta.

POLÍTICA NACIONAL

Iniciativa em defesa da nação ameaçada

Causou forte impacto o manifesto "Em Defesa da Nação Ameaçada", divulgado dia 19 de dezembro por 32 políticos, generais, capitalistas, homens de imprensa e intelectuais brasileiros. O governo não engoliu o documento, e tratou logo de punir os generais que o assinaram: Euler Bentes foi advertido e Andrada Serpa, da ativa, recebeu voz de prisão.

ATÉ ONDE CHEGA A CRISE

Ao mesmo tempo o manifesto mostra a que ponto chegou a crise brasileira. Uma boa parte das pessoas que o assinou até pouco tempo atrás silenciava, ou queixava-se em surdina, diante da orgia entreguista do regime. Alguns ainda ontem formavam parte da base de sustentação deste mesmo regime. Quando até esses setores saem a público com um manifesto assim é porque a coisa realmente espreta.

ENTREGUISMO SEM MÁSCARA

Isto ocorreu porque o manifesto denuncia "sem rodeios" o domínio imperialista que cresce no Brasil. Fala do parque industrial "trabalhado" entre as principais empresas multinacionais, do "crescimento da dependência tecnológica", da "ocupação progressiva de partes consideráveis do território nacional por empresas estrangeiras", que formam "um processo inexorável de desagregação da Nação Brasileira". Repudia a aplicação da receita do FMI, "cuja ação intervencionista retirará da Nação parcela da nossa soberania". E acusa nas entrelinhas o regime atual por sua "tolerância excessiva", "negligência" e "permissividade".

Ao investir contra denúncias tão verdadeiras, o governo deixou cair a máscara "patriótica". Mostrou sua verdadeira face entreguista.

ALERTA AOS PATRIOTAS

O documento invoca o tradicional patriotismo brasileiro para esforço conjunto na defesa dos direitos da nacionalidade. É sem dúvida uma boa nova para os operários, diretamente explorados pela multinacionalização para os camponeses, expulsos da terra para dar lugar a superluzadas de estrangeiros; para o povo trabalhador, que no fundo é quem paga a dívida externa e todos os tributos cobrados ao Brasil pelo capital imperialista. Este é mais um motivo para os setores populares, que sempre estiveram à frente da luta patriótica, redobrem os esforços para criar um amplo movimento, de massas, que derube o governo vende-pátria e crie as condições para a conquista da verdadeira independência nacional.



INTERNACIONAL



Greve de fome

Bélgica — Sete presos políticos irlandeses mantêm-se em greve de fome desde o dia 26 de outubro, no presidio de Masc, exigindo tratamento de presos políticos e o fim das humilhações de que são vítimas por parte do exército de ocupação britânico. A prolongada greve tem recebido o apoio da solidariedade de várias partes do mundo.

Uma figura exemplar

Washington — Entre os membros do gabinete do presidente eleito Ronald Reagan, uma figura destaca o caráter reacionário e de extrema direita do futuro governo dos Estados Unidos. Trata-se do general Alexander Haig, indicado para a secretaria de Estado. Haig, ex-comandante da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), celebrou-se como um dos mais ferrenhos defensores da corrida armamentista, e foi um dos mandantes de uma conspiração para impedir a posse do presidente chileno Salvador Allende, em 1970. Além disso, está implicado no caso Watergate, um mar de lama de corrupção e escândalo.

Ofensiva guerrilheira

São Salvador — O início do ano em El Salvador foi marcado por ataques guerrilheiros em diversos pontos do país, infligindo sérias derrotas às forças da ditadura salvadorense. A cidade de Arcaño, a cerca de 90 kms da capital, foi ocupada pelas Forças Populares de Libertação "Farabundo Martí", como mostra de sua consolidação na área. E a base de apoio da junta se estreitou ainda mais: o ex-membro da junta coronel Adolfo Mejano anunciou sua adesão às forças oposicionistas, após ter sido afastado do governo por militares descontentes com sua linha considerada moderada.

ALBÂNIA: O socialismo de verdade



Além de controlar os destinos do país de cima para baixo, através de seu partido (o PIA) e do governo, os operários albaneses estendem seu controle de baixo para cima sobre tudo e todos. Nenhum escapa do controle que a classe operária exerce diretamente, através de grupos de operários eleitos em assembleias, formados por comunistas e elementos sem partido, que atuam dentro e fora das empresas, em todas as instituições e no próprio PIA.

Não faz muito tempo, alguns críticos foram alvo de duras críticas por parte do controle operário. Havia excesso de burocracia e gente demais para fazer pouco trabalho. Um grupo de operários foi visitar cada ministério, examinando toda a atividade ali exercida por um determinado período de tempo. E concluiu que suas posições tinham fundamento. O ministro da Educação, além de discordar da opinião do grupo de controle, recusou-se a tomar qualquer medida para corrigir os problemas apontados. Resultado: foi demitido. Vários funcionários que viviam passando pelas repartições, sem função concreta, foram trabalhados, onde poderiam ser mais úteis.

Este mecanismo ganhou força na Albânia a partir do exame em profundidade da experiência negativa da União Soviética. Com base nas teses leninistas sobre controle operário, os albaneses chegaram a conclusão de que uma das principais causas do retrocesso foi a burocratização do Partido e do Estado soviético. E, para evitar a todo custo que o mesmo ocorresse na Albânia, concluíram que era indispensável um controle de baixo para cima, exercido diretamente pelos operários.

O controle operário



A classe operária tem todo controle

Este mecanismo ganhou força na Albânia a partir do exame em profundidade da experiência negativa da União Soviética. Com base nas teses leninistas sobre controle operário, os albaneses chegaram a conclusão de que uma das principais causas do retrocesso foi a burocratização do Partido e do Estado soviético. E, para evitar a todo custo que o mesmo ocorresse na Albânia, concluíram que era indispensável um controle de baixo para cima, exercido diretamente pelos operários.

CLASSE OPERÁRIA POLONESA

Falta um PC autêntico

A crise da Polónia tem sido centro das atenções nos últimos meses. A combatividade da classe operária desse país é admirada pelos trabalhadores de todo o mundo, mas suas vitórias são alvo de manobras do governo revisionista e da Igreja reacionária. Sobre o país, pesa a ameaça de uma intervenção da URSS.

Após a II Guerra Mundial, quando a classe operária construiu a Polónia socialista, num país devastado pelas tropas nazistas, a imprensa burguesa não publicou uma linha de solidariedade aos trabalhadores poloneses. Tentou sempre atacar e sabotar o socialismo. Hoje, essa mesma imprensa se declara preocupada com os operários da Polónia.

CRISE CAPITALISTA

O resultado da tração dos chefes revisionistas tornou-se patente em 1970, quando a inflação — que havia sido eliminada com o socialismo — ressurgiu em níveis altíssimos, provocando ampla revolta entre as massas. Nos conflitos, 28 pessoas morreram, segundo dados oficiais. Mas os donos do poder foram obrigados a ceder, trocando o secretário geral do partido e chefe de governo Gornulka por Edward Gierk.



Lech Walesa: a serviço da classe operária ou da Igreja?

Após a II Guerra Mundial, quando a classe operária construiu a Polónia socialista, num país devastado pelas tropas nazistas, a imprensa burguesa não publicou uma linha de solidariedade aos trabalhadores poloneses. Tentou sempre atacar e sabotar o socialismo. Hoje, essa mesma imprensa se declara preocupada com os operários da Polónia.

O novo governo trouxe apenas mais um elemento para a crise: os revisionistas lutam entre si, enquanto atolam o país com novas medidas capitalistas. Isso preocupa a União Soviética, que vê sua soberania ameaçada: falando em "defender o socialismo", ela colocou suas tropas em prontidão, preparando uma nova agressão armada semelhante à ocorrida na Tchecoslováquia. Essa situação de crise é também

SOCIALISMO É A SOLUÇÃO

A classe operária polonesa não vai encontrar a solução da crise na Igreja reacionária e muito menos nos tanques soviéticos. A garantia de seus direitos, sua liberdade e a soberania de sua pátria estão na reconstrução do Partido Comunista, marxista-leninista, e do socialismo na Polónia. (Rogério Lustosa)

Balanco do ano que



Vibração da pedrada durante uma das assembleias de São Bernardo



Repressão aos metalúrgicos do ABC: o 3 de maio foi uma operação de guerra

O fundamental em 1980: sensível progresso do movimento popular, com destaque para a classe operária. Foi o ano da grande greve do ABC e preparou uma nova explosão.

A marca registrada de 1980 foi o avanço do movimento operário, popular e democrático. Prosseguiu a onda de greves e lutas que há mais de dois anos sacode o Brasil, enchendo de esperança a gente pobre e oprimida desta terra. A **Tribuna Operária** constata com alegria e orgulho que a nossa classe proletária jogou um papel de primeira grandeza nestas batalhas.

ABC FOI PONTO ALTO

Em primeiro lugar, 1980 foi o ano da grande greve do ABC, uma greve com poucas no Brasil e mesmo no Continente. Ela colocou num nível novo a luta entre o trabalho e o capital. E transformou-se num acontecimento político antiditatorial da maior importância.

Durante os 41 dias da greve, a classe operária esteve no centro do cenário nacional. Todo o Brasil foi obrigado a tomar posição diante dela. De um lado ficaram as multinacionais do automóvel, o governo, o Exército, a Polícia, as forças paramilitares da reação. Do outro estavam os trabalhadores, o povo, todos os democratas.

GENERAIS X OPERÁRIOS

Os generais montaram uma verdadeira operação de guerra contra os metalúrgicos. Esmagar o ABC era um ponto de honra para o governo. Afinal, apesar de sua união, tenacidade, coragem, heroísmo mesmo, a greve terminou vencida pela repressão selvagem e pela fome.

Mas o Brasil depois dela não é o mesmo. Os operários e o povo têm um novo ponto de referência: fazer como no ABC, e melhor ainda! Depois da visita ao trabalho em São Bernardo, houve uma diminuição

do número de greves do proletariado fabril. A onda de paralisações deslocou-se mais para outros setores, como os assalariados agrícolas e os professores. Entre os fatos que contribuíram para isto estão a nova lei salarial, que criou bastante confusão e algumas ilusões; o forte aumento da rotatividade da mão-de-obra, que gerou certa insegurança; um maior preparo do governo e seus agentes nos sindicatos, já repletos da surpresa causada pela onda grevista. Pesou também o sentimento, bastante difundido entre os operários, de que a greve por categoria não basta para vencer os patrões e o governo, e seria preciso partir para um movimento maior ainda que o do ABC, uma greve geral.

O ASCENSO CONTINUA

Enquanto isso, as causas que provocaram a mare grevista se aprofundaram. A taxa de exploração dos trabalhadores subiu mais, enquanto aumentava o descontentamento com o governo do general Figueiredo. E o próprio ascenso do movimento de massas continuou. No caso particular do proletariado fabril, a acumulação de forças prosseguiu sob outras formas, por exemplo o avanço das correntes, mais combativas dentro dos sindicatos. E influíram, inclusive, no resultado de muitas campanhas salariais que não desbocaram em greves.

Uma fase de ascenso das lutas de classe não avança em linha reta. Salvo raríssimas exceções, o ascenso se verifica em zig-zag, com momentos de explosão e outros de relativa calma, que preparam confrontos ainda mais agudos. Foi o que aconteceu nas fábricas em 1980.

Os assalariados agrícolas partiram para as primeiras grandes greves. Uma força destinada a mudar o panorama da luta de classes em favor dos explorados pelo capital.

O outro acontecimento de 1980 destinado a se projetar no futuro foi o despertar dos assalariados agrícolas: o primeiro dissídio coletivo dos boias-frias paraenseis, as greves dos catadores de café de Conquista (BA), dos contadores de cana de Passos (MG), e a grande greve que em outubro pôs fogo nos canaviais de Pernambuco (veja o box nesta página).

IRMÃOS DE CLASSE

Estes assalariados hoje contam-se aos milhões e estão espalhados por uma boa parte do interior brasileiro.

Para os operários das cidades, eles são bem mais que aliados, são irmãos de classe, a parte mais jovem e mais sofrida do proletariado. Devido a pouca organização, a inexperiência, ao trabalho embruteador e muitas vezes errante, têm mais dificuldades que seus companheiros das cidades. A maioria ainda se deixa espoliar passivamente pelos

fazendeiros e gatos. Mas em 1980 esta realidade começou a mudar.

É certo que foi apenas o começo. Mas foi o começo de alguma coisa muito importante, destinada a mudar o quadro da luta de classes, no campo e no Brasil em geral, reforçando o bloco dos que combatem a exploração capitalista.

Junto com as greves, brotaram as primeiras sementes de uma nova consciência de classe.

"QUEREMOS A USINA!"

Ao lado das reivindicações de melhores salários e condições de trabalho decentes, apareceram exigências de uma nova ordem social. "Nós queremos a usina!" — disse um grevista pernambucano. Os sindicatos se fortaleceram e inciou-se o botar-fora dos pelegos também ali. Onde já havia uma tradição de luta maior, como na Zona da Mata nordestina, aconteceu um renascimento.

ASSALARIADOS RURAIS

Na greve da cana o gosto doce da vitória

Na Zona da Mata pernambucana não há les trabalhistas, há apenas a lei dos usinários, herança dos senhores de escravos. Mas este ano falou mais alto a lei do trabalhador, imposta numa greve que uniu 42 sindicatos e paralisou 290 mil cortadores. Foram dois dias de paralisação em que os cortadores de cana fixados (com carteira assinada) e clandestinos (volantes) tiveram que enfrentar a violência de um dos setores mais feroces das classes dominantes brasileiras. No terceiro dia veio a vitória. Vitória parcial, é verdade, mas de grande significação dentro das condições em que foi obtida, na



1º de Maio em São Bernardo: o povo vitorioso deixa a praça rumo ao estado



Cena do dia nacional de luta pela Constituinte livre e soberana (S. Paulo)

Professores e outros setores profissionais intermediários foram à greve com uma intensidade fora do comum para responder ao massacre dos seus salários.

O movimento grevista arrastou também outros setores assalariados. Os professores da rede de ensino público, principalmente, viveram uma sequência de lutas fora do comum. Massacrados por uma política salarial que lhes nega o direito aos reajustes semestrais, eles fizeram greves desde o primeiro ciclo até o nível universitário e do Acre ao Rio Grande do Sul. No final do ano, uma greve nacional dos professores das universidades federais concluiu o ciclo com fecho de ouro, alcançando uma vitória parcial, mas expressiva.

Houve igualmente muitas greves de médicos residentes, denunciando

a crise aguda do sistema de saúde com o mesmo vigor com que os professores apontaram a falência do sistema educacional.

ESTUDANTES A POSTOS

Três fatos marcaram o ano no movimento universitário. Primeiro, uma ampliação considerável das lutas, sobretudo por mais verbos para a educação e contra os aumentos abusivos das anuidades, refletindo o anseio por uma saída democrática para a situação calamitosa que o regime militar criou na Universidade. Depois, o cororamento dessas lutas parciais numa greve geral nacional de três dias, com a participação de mais de um milhão de estudantes. E por fim, o Congresso da UNE, que teve suas resoluções confirmadas em seguida pela eleição direta da diretoria da entidade, consagrando as posições mais coerentes dentro do movimento estudantil.

SECUNDARISTAS TAMBÉM

No movimento secundarista, 1980 desvotou um saldo de incontáveis lutas e reorganização de várias entidades. A unificação no plano nacional não avançou como se esperava, prejudicada por interesses grupistas, mas há a expectativa de uma rápida superação dessa mentalidade. Visto no seu conjunto, o movimento estudantil dá a impressão de estar na véspera de um avanço qualitativo. Ao começar o Ano Novo, os estudantes estão a postos, prontos para cumprir seu importante papel no movimento popular e democrático, com a mesma garra que mostraram em 1968, 1977 e tantas outras ocasiões.

METALÚRGICOS DO ABC
A greve de 41 dias que marcou o ano

A paralisação começou dia 1º de abril e espalhou-se pelos metalúrgicos de 20 cidades. Mas só em São Bernardo houve preparação a sério, com muita sindicalização e 236 reuniões por fábrica. Ali, e nas virtudes dos operários da grande indústria, esteve o segredo da força de São Bernardo.

Nas duas primeiras semanas, houve relativa calma. Mas não houve toda a mobilização possível e necessária para preparar as batalhas que viriam. Um certo defensismo facilitou a contra-ofensiva do regime. Dia 18 veio a intervenção do sindicato, 19 a prisão de Lula e mais 11 líderes, 20 a proibição das assembleias no Estádio de Vila Euclides. A greve, porém, continuou.

VITÓRIA NO 1º DE MAIO

Junto com a repressão, redobrou também a solidariedade, até chegar num nível nunca visto. A greve politizou-se e passou a simbolizar a esperança do povo. Foi o que o 1º de Maio mostrou.

São Bernardo naquele dia amanheceu tomado pela polícia. Na medida em que a multidão enchia a Praça da Matriz, começaram as provocações, as bombas, espancamentos. Mas os trabalhadores não arredaram pé e terminaram vencendo, reconquistando o Estádio para a manifestação. Foi um 1º de Maio como poucos, uma festa proletária de verdade.

AMOR FICOU NA PORTA

Mas logo no dia 3 a repressão piorou. Foi um dia inteiro de enfrentamentos com a polícia. E ficou claro que o governo Figueiredo apostara tudo do lado das multas, contra a greve. Uma parte dos operários começou a voltar ao trabalho. No dia 11, uma assembleia na Matriz de São Bernardo, cheia de raiva impotente, votou pelo retorno ao trabalho. Porém a lição valeu. "Quando entrarem na fábrica, deixem o amor na porta" — fora recomendação de Wagner, um dos oradores do dia.



Assembleia de cortadores de cana pernambucanos delibera sobre a greve que valeu como um renascimento

balançou o governo

Os camponeses em 1980 combateram em três frentes principais: a dos posseiros do Norte, a dos pequenos proprietários do Sul; e a do Sertão flagelado pela seca.

A luta dos camponeses pela terra e por seus direitos também cresceu bastante, em extensão e em profundidade. Ao longo de 1980, ela se desenvolveu em pelo menos três grandes "frentes" mais ou menos autônomas: a dos posseiros, a dos pequenos proprietários do Sul e a do Sertão nordestino, atingido pela seca.

ARMAS CONTRA O GRILLO

O choque entre posseiros e grileiros teve seu centro nos Estados do Pará, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. Mas se estendeu um pouco por todo o Brasil, até bem perto de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Os ambiciosos grileiros redobram de violência e chegaram até a formar exércitos de pistoleiros para expulsar camponeses. Em resposta, os camponeses tiveram que se organizar de armas nas mãos para defender a terra. Somente na área de Conceição do Araguaia, no Sul do Pará, essa guerra pela terra fez 14 baixas fatais em 1980: um posseiro, o "Gringo", lider muito querido na região, e os outros 13 pistoleiros ou grileiros.

A REVOLTA DO SUL

A segunda "frente" localizou-se no Oeste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ali vive uma numerosa camada de pequenos e médios burgueses rurais, que o

governo está esmagando com seus impostos, preços míseros, insuficientes, crédito escasso e difícil.

A resistência explodiu primeiro na revolta da soja, um protesto impressionante, que estragou o aniversário do golpe de 1964, e terminou obrigando o arrogante Delfim Netto a um recuo. Depois vieram mobilizações como as dos cultivadores de uva e da região de Santa Helena (PR). No fim do ano levantaram-se os sinocultores, e até o Exército foi chamado a intervir. O resultado foi que essa camada de proprietários, que antes apoiava o governo, passou para a oposição.

SECA TAMBÉM DA PROTESTO

O Nordeste flagelado pela seca foi o palco de outro movimento de resistência camponesa. Manifestações de até 10 mil camponeses agitaram o Sertão, protestando contra o descaso do governo, o fracassado plano de "emergência", e pedindo reforma agrária. Levas de flagelados invadiram cidades e saquearam fazendas. Quando Figueiredo esteve no Nordeste, em novembro, um rico fazendeiro perguntou-lhe o que fazer "quando isto aqui explodir".

Outro fruto de 1980, foi a dinamização do sindicalismo rural, ressaltando-se a luta para retomar o Sindicato de Conceição do Araguaia, os encontros camponeses da Contag, no Pará e do Maranhão.



Assembleia de lavradores em Ijuí (RS), durante o "rebelião da soja"



Cena do sertão nordestino torturado pela seca



Posseiros do Sul do Pará: dispostos a defender a terra, custe o que custar

Dois pontos fracos do lado do povo: a unidade a organização ainda não chegaram no ponto. A bandeira da Constituinte pode colaborar bastante para sanar o problema.

PARTICIPAÇÃO FEMININA Nunca houve tantas mulheres na luta

A participação das mulheres nas lutas de 1980 merece uma menção especial. Elas empunharam a bandeira da sua própria emancipação, no Congresso da Mulher Paulista, no Encontro das Mulheres de Conceição do Araguaia e muitas outras iniciativas com o mesmo sentido. E isto foi importante. Mais importante ainda foi a presença crescente das mulheres, ombro a ombro com os homens, nos movimentos operários, camponeses e populares em geral. E por aí, na prática, que a emancipação se dá.



Presença das mulheres do ABC

O valor desse avanço fica mais realçado quando se leva em conta a massa enorme de barreiras e preconceitos que ele teve que vencer. Ele foi um dos indícios mais claros de como a necessidade de lutar por dias melhores está se enraizando no povo.

Foi o ano do fracasso da "abertura", ano de crescimento da oposição e desintegração do PDS. O governo saiu-se mal na política assim como na economia.

Se a marca fundamental do ano foi o avanço do movimento operário, popular e democrático, é preciso ver também o outro lado da moeda. Em 1980, o regime militar sofreu derrotas sobre derrotas, mais que nos anos anteriores.

Os fracassos da política econômica são conhecidos. Delfim Netto prometeu uma inflação de 45% e deu 115%. Disse que haveria equilíbrio entre as importações e as exportações, mas houve um buraco de 3 bilhões de dólares. As reservas de divisas do país caíram tanto que só dão para cobrir três meses de importações. O próprio Figueiredo admitiu que os brasileiros trabalham hoje apenas para pagar a dívida externa. E os banqueiros

americanos querem agora amarrar-nos ao FMI, o que significaria uma recolonização na prática.

ABERTURA DEU EM FIASCO

O fracasso político do governo não foi menor. Ele tinha todo um plano, a "abertura", para tentar consolidar-se dividindo a oposição, atrair sua parte mais moderada; isolar a ala mais comprometida com o povo, e institucionalizar o regime sob nova forma.

Ocorre que os planos eram uma coisa e a realidade foi outra. Hoje já se pode dizer que a "abertura" fracassou, na sua concepção e nos seus fins, sem dar fruto nenhum para o governo.

QUEM MINGUOU FOI O PDS

Hoje a oposição não atua mais sob uma só legenda. Mas o PMDB se fortaleceu em 1980 e sua Tendência Popular ganhou espaço. Outro partido que cresceu foi o PP, que ficou com os dissidentes do campo governista. As outras legendas de oposição não alcançaram maior expressividade. Mas quem se dividiu mesmo foi o PDS: mostrou que não passa de uma Arena em desintegração.

Hoje o PDS não garante nem sua maioria bi-câmera no Congresso. Durante todo o ano o governo sofreu frio, cada vez que teve de votar no Parlamento, projetos como a Lei dos Estrangeiros, a Reforma Salarial, o adiamento das eleições municipais, a emenda das prerrogativas do Congresso. Várias vezes, para se garantir, teve de apelar para o truque sujo do decurso de prazo.

Na cúpula do regime militar, mandando em tudo, está o "Gang do Planalto", um grupo ultra-fechado. Este monopólio do poder foi um dos fatores que mais isolaram o governo.

Falham as tentativas de atrair fatias da oposição para o governo. Figueiredo, que passou o ano de mãos estendidas, porém o fato que ninguém caiu na armadilha de ir apertá-la. E isto tem muito a ver com o monopólio do poder político que existe atualmente. Certos opositores não se dispõem a negociar com o governo, mas desde que também pudessem ter assento na mesa das decisões. A ficar de fora, preferem que seja na oposição.

A GANG MANDA SOZINHA

Acontece que a mesa dos donos do poder hoje tem pouquíssimos assentos, todos já reservados. Só conta ali o grupo conhecido como "Gang do Planalto": uns tantos generais — Figueiredo, Góes, Ventura, Medeiros — o capitão Hektor de Aquino e mais algum penetra a paisana do tipo do Delfim Netto.

Essa gang mandou e desmandou no país durante o ano, e pretende continuar mandando. Foi afastando sem maiores cerimônias os ministros menos obedientes — Rischbieter, Eduardo Portella, Farhat. Resolveu também impor o servil Nelson Marechiaro para a presidência da Câmara dos Deputados, criando tantos descontentamentos que o PDS pode rachar de vez.

Quando mais se sucediam as crises, quanto mais o governo se desgastava, mais a gang se afeiçoou às alavancas do poder político.

Um regime assim fechado só se sustenta apoiado na força militar.

Nos últimos dias do ano, Figueiredo tratou de voltar-se mais para as Forças Armadas.

APOIO NAS BAIONETAS

Discursando para o Alto Comando das três armas, ele disse que lugar de militar é no quartel. Isto porém não quer dizer deixar a condução do país com os políticos. Tanto assim que no mesmo discurso Figueiredo sublinhou sua condição de militar. A preocupação é calar qualquer voz descontente dentro das Forças Armadas.

E o recado nem foi para a ala mais fracasada, comprometida nos atos de terror que ensanguentaram o país.

Esta ala também se deu mal diante da repulsa geral a seus crimes, e teve que voltar atrás. A advertência de Figueiredo foi para os militares que se dispunham a praticar o diálogo com a oposição.

UM PONTO FRACO

O monopólio do poder é em grande parte o ponto débil do regime militar. Ao lado da crise do modelo econômico atual, ele foi o responsável pela deterioração das posições e planos do governo Figueiredo. Além do povo, vastos setores das classes dominantes estão interessados em quebrar este monopólio, e por isso atuam na oposição.



Manifestação em Porto Alegre contra a visita do ditador argentino

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL Mais apoio às lutas dos outros povos

Acompanha de opinião pública contra a Lei dos Estrangeiros e a criação do Comitê Brasileiro de Solidariedade, os protestos contra a visita do carrasco argentino Rafael Videla a São Paulo e Porto Alegre, a calorosa acolhida dispensada no início do ano a uma delegação da Nicarágua recém-libertada assinalaram em 1980 um começo de preocupação efetiva com as lutas que se travam além das nossas fronteiras.

E toda uma frente de atividade que se abre e exige muita atenção. Por sermos um país extenso e populoso, calmos às vezes na ilusão de que a luta do povo brasileiro pode bastar-se a si mesma, desenvolvendo-se até a vitória sem buscar aliados no plano internacional. E falamos, O Corde-Sul,

por exemplo (Argentina, Chile, Uruguai, Brasil, Paraguai e Bolívia) forma uma frente comum de combate antifascista e antiimperialista. E os povos da região, inclusive o brasileiro, ganhariam imensamente com um maior estreitamento dos seus laços de apoio mútuo.

DEVER DOS OPERÁRIOS

Os operários, em especial, teriam um importante papel neste sentido, pois a classe operária é uma só em todo o mundo, sofrendo, muitas vezes, o jugo dos mesmos patrões. Uma maior presença operária nas nações de solidariedade clara e clara uma dimensão mais profunda, de manifestações de internacionalismo proletário.



Congresso da UNE em Piracicaba



Presença de professores em contato pela FM diante do palácio do governo do Paraná



fala o povo

"Fala o Povo" vem recebendo um número crescente de cartas. No entanto, poucas mulheres escrevem ainda para nosso jornal. Trabalhadora, dona-de-casa, estudante, escreva para nós. Consideramos muito importante saber o que as mulheres pensam de nosso jornal e quais são os maiores problemas que enfrentam no seu dia-a-dia. Abrimos nossa seção para que vocês se pronunciem. Afinal, as mulheres representam mais de 50% da população e precisamos chegar até elas! E uma das formas de conseguirmos isso é transmitindo as preocupações das companheiras, suas idéias e suas opiniões. Escrevam! (Olivia Rangel)

OPERÁRIOS DA REFORFOR - PR

Cansaço da injustiça

Os funcionários da fábrica de acumuladores Reifor, cansados de tanta promessa, resolveram diminuir a produção se a fábrica não aumentar o salário. Como podemos aceitar se no ano inteiro o reajuste salarial foi só no mês de outubro? Nós funcionários, sabemos e não aceitamos. Fomos falar com os chefes de seções que se não dessem o reajuste tudo poderia acontecer.

Os chefes, notando o que poderia acontecer, programaram uma reunião. Nisso, o sr. Gerson — o mal querido do departamento de pessoal — disse que a fábrica adiantava a metade do 13º salário e o reajuste só em dezembro. Não aceitamos porque seríamos mais uma vez enganados pelos patrões. O sr. Gerson Joaquim da Silva disse que a fábrica dava 20% no mês de novembro e não em outubro. Prometeram mas só deram 17,4%.

Que a fábrica cumpra o que prometeu, porque nós estamos cansados de ver tanta injustiça. Tanta que tiraram o ônibus de uma meia dúzia de operários. Até a fábrica são

12 km, pela rodoviária, faça chuva ou sol. Quando um operário entra no escritório e pede 150 cruzeiros para comprar remédio para um de seus filhos a resposta é não.

Não temos também um carro para nos atender em caso de acidente. Por exemplo, um dos funcionários quebrou um dedo e não teve carro para levá-lo para o hospital. Um rapaz acidentado esperou 48 minutos para ser levado até o hospital. O rapaz do departamento de pessoal deu dinheiro para ele tomar o coletivo até sua casa.

O que queremos não é luxo, porque nossas mãos e roupas estão cheias de óleo e graxa. Também pedimos uma enfermaria. Se um trabalhador precisa de um melhoral não tem.

Um ex-funcionário procurou um médico e este deu uma receita de 7 mil cruzeiros. Ele faltou alguns dias no trabalho e o sr. Gerson recolheu sua carteira e disse que daria suspensão para ele, até ele pedir a conta. (Um funcionário da Reifor — Londrina, PR)

Volto a falar sobre a Ferrovia do Aço em Bom Jardim de Minas. A barbárie do nosso regime corrupto se faz refletir nesta cidade.

Essa tal de Mendes Júnior (corrupto como o nosso João), em nome das náuseas de versuas barbaridades. Essa companhia, que oferece alojamento no canteiro de obras de Bom Jardim, oferece também no meio destes, a casa de prostituição. Como os alojamentos se situam longe das cidades (como já foi planejado) e sem condução para a mesma, os peões estravazam a amargura do trabalho nos túneis nestas casas mantidas pela Mendes Jr., onde se compra uma cerveja a 100 cruzeiros e fora os tóxicos que ali rolam,

OPERÁRIOS DA FERROVIA DO AÇO - MG

Ferrovia da amargura

PATRÃO, UM OPERÁRIO DESCOBRIU A CORRUPÇÃO E O CONTROLE DE TOXICOS DA MENDES. E AGORA?

NÃO SE PREOCUPE. ENQUANTO TIVERMOS UM GOVERNO MILITAR ESTAMOS SALVOS.



tudo sobre o controle da Mendes Jr. All o peão é explorado até o último níquel de seu mísero salário. Mortes e facadas já foram presenciadas nesses ambientes "saudáveis"

que a Mendes Jr. oferece. Enquanto isso acontece, os Patrões da Ferrovia enchem seus bolsos com seus ordenados e os subornos. Subornam determinados operários para

apresentar uma produção irreal, pois a Engieir (Engenharia Ferroviária) paga às empreiteiras por produção. E os subornados ganham um décimo do dinheiro que vai para o bolso dos que subornam, que são os encarregados, engenheiros, etc.

Enquanto eles enchem seus cofres, o operário, o peão, se mata de trabalhar, sem aparelhos de proteção nos túneis, recebendo no rosto o concreto, poeira, aditivo. Por isso temos de gritar, abaixo o capitalismo, abaixo Figueiredo e Golbery!

O motorista que despenca pela ribanceira com o caminhão, pos a estrada e de acesso ultra-perigoso, é mandado embora por justa causa, quando não morre. E o que fica doente e não recorre ao médico da Mendes, e vai ao INPS, entra também na justa causa.

E o fim do absurdo, não tem mais para onde explorar. Isto é a Ferrovia do Aço. Por isso eu peço a vocês da Tribuna que publiquem isso, que deem um apoio a esse povo da Ferrovia, para que eles saibam que existe gente lutando. Eu também me encarreguei da divulgação do jornal neste canteiro de obras. (Um operário da ferrovia — Bom Jardim, MG)

TRABALHADORES RURAIS DE CAPELINHA - MG

Por melhores dias

Os trabalhadores rurais de Capelinha, depois da conquista de fundarem seu sindicato, vêm tendo muitos problemas com os donos da cidade. Estes, depois de verem os trabalhadores rurais se organizarem, começaram a pressionar de todas as maneiras. A princípio, tentaram expulsar os agregados e meios das terras.

Em Grota Grande, por exemplo fazendeiro Francisco Miranda tentou expulsar 13 famílias de suas terras, para plantar mais capim para seus bois. E a maioria dessas famílias moravam nesta fazenda há 13 anos.

O advogado do sindicato entrou com pedido de anulação e os meios permaneceram nas terras. Em outros locais os fazendeiros não estão deixando os agregados plantarem suas roças. Além disso, utilizam

zama a infâmia de dizer que o grupo que ajudou a fundar o sindicato só tem subversivos, comunistas e agitadores.

Na Vila dos Anjos a Construtora Mendes Júnior, que roubou a maioria das terras deste povoado, não paga aos seus dois mil bóias-fritas de acordo com seus direitos. A Mendes Júnior explora a plantação de café. E no povoado onde a maioria tinha seu pedaço de terra, hoje são todos bóias-fritas. Mas os trabalhadores da Vila não dão o braço a torcer pro patrão e já fundaram sua delegacia sindical.

Os camponeses de Capelinha sabem que para alcançar a liberdade precisam de união para a luta e lutam sem medo, porque sabem que melhores dias exigem esforços. (Um amigo da TO em Capelinha, MG)

OPINIÃO DE LEITOR - BA

Luxo e miséria se misturam em Salvador

"Continuando com sua programação gastronômica, o Meridien abriu as portas do Regime desde a última quinta-feira para apresentar um festival de cozinha tradicional marroquina". Prezados companheiros este trecho foi extraído de uma coluna social, do Jornal da Bahia, de 21/10, e espelha muito bem os níveis de miséria a que atingiu a burguesia de nosso país, que continua a sugar dia a dia o sangue e suor do proletariado brasileiro.

Acontece que enquanto a burguesia do Bahia se distraía nesse tal de festival, os gêneros de primeira necessidade atiravam muitas nuvens vistas. O feijão chegando a Cr\$ 130,00. A farinha custando Cr\$ 60,00 o kg.

A carne já está a Cr\$ 195,00. Alastre-se a miséria. O povo padece nas filas do INPS, e o famigerado Antônio Carlos Magalhães continua a se enriquecer e a sua família as custas do povo trabalhador. Sei que esta situação se repete em todo o Brasil, e que para modificá-la é necessário organizar o povo em comitês de bairro, nas associações de classe, nos sindicatos, enfim nas suas bases.

Quero aproveitar a oportunidade para parabenizar os companheiros pelo primeiro aniversário deste combativo jornal, posto à serviço da classe operária e seus aliados, mais consequentemente, e determinadamente. (M.N. — Salvador BA)



CAMPANHA ELEITORAL DOS RODOVIÁRIOS - RJ

Pelego agride oposição

Sou leitor assíduo de sua seção. Quero mediante esta denunciar um flagrante para mim presenciado no dia 27 de novembro em frente ao sindicato dos rodoviários.

Vi o senhor Manoel da Silveira Rocha agredir um componente da Chapa 4, com palavras de baixo calão, que afetavam sua moral. Logo em seguida, ele mandava suas campanhas agarrarem o rapaz e linchá-lo. Graças à interferência de outras pessoas, possivelmente amigos do rapaz, não foi possível o linchamento.

Neste exato momento chegou um outro rapaz, que se dizia fiscal da Chapa 4. Ele foi dizendo que tinha sido agredido, arrancado do carro que conduzia uma urna, o qual ele tinha sido designado para acompanhar.

nhar. Foi agredido pelo sr. Manoel da Silveira Rocha, que de arma em punho obrigou-o a deixar o veículo e ir à pé.

Eu, Valmir da Silva, componente da diretoria, venho mediante este manifesto acusar o sr. Manoel Rocha, atual presidente do nosso sindicato, de várias arbitrariedades. No dia 26 de novembro, nas eleições, fui agredido física e moralmente. Companheiros: o homem está malicioso, agredindo todos os componentes da chapa! Todos sabem que o atual presidente está há 9 anos no cargo e nada fez, a não ser o jogo do patrão. Agora que a turma resolveu acabar com o jogo do patrão, ele fica doído. Sacra a arma e diz: "Vote em mim, senão eu te mato!" (Valmir da Silva — São Gonçalo, RJ)

MORADOR DE VIÇOSA - MG

Salário atrás dos preços

Solicito um apoio ao governador do Estado, sr. Francelino Pereira, para nós, moradores de Viçosa, mas este talvez não seja atendido.

Os preços das mercadorias aumentam dia a dia, mas o salário não acompanha e quando o salário sobe um pouquinho, o preço das mercadorias sobe o dobro.

Além disso, na minha opinião e na do povo de Viçosa, achamos que deveria haver uma firma que desse emprego para as pessoas mais idosas e de menos recursos financeiros. Deveria também criar uma nova tabela, diminuindo os preços das mercadorias. O povo não, que deveria dar maior apoio aos pobres, e o que menos se interessa por eles. O progresso da cidade é festas e futebol e o de menos recursos que se vivem. Tem a coragem de gastar uma boa quantidade numa festa, mas não ajudam o pobre nem com emprego.

Em segundo lugar, também desejo falar sobre o problema de água no bairro em que reside, bairro Sagrado Coração de Jesus. Há mais de 20 anos foi prometido, pelos prefeitos, colocar água no bairro e até hoje nada fizeram. Quero dizer aos companheiros que o que acho mais importante é a união do povo, porque só mesmo assim o povo poderá receber o que necessita. (Velho morador de Viçosa, MG)

OPERÁRIOS DA MARCO POLO - RS

Sindicatos para a luta

Em uma entrevista à Tribuna Operária, os companheiros da Marco Polo denunciaram as arbitrariedades dos patrões dentro da firma ocorridas no fim do mês de outubro, quando o supervisor e o engenheiro chamaram parte de uma seção, de mais ou menos 12 operários, para conversar. Os representantes do patrão foram diretos ao assunto: "queremos mais produção, temos que produzir o máximo para enriquecer o patrão". Ai os operários reclamaram que se fossem melhor pagos não haveria galho. Os chefes, irritados e sem saída, responderam dizendo: "tropa de vagabundos, vadios, ladrões e sem vergonhas".

Ofendidos, tratados como escravos pelos patrões, magoados e revoltados, uns pensaram em ir ao sindicato para ver o que poderiam fazer nessa situação, e outros ficaram com medo de depois serem entregues para o patrão. Depois de um grande período de repressão e peleguismo, a gente desconfia até de nossa entidade de classe. Mas não podemos ir nessa onda, precisamos participar mais do nosso sindicato, fortalecendo-o, democratizando-o e fazendo

LUTA CONTRA O RACISMO - SC

Em defesa do negro

A Sociedade Cultural Antonieta de Barros, de Florianópolis, nasce há 4 meses, com o trabalho de 10 negros e mestiços que ensinam a Associação para o objetivo de conscientizar a população oprimida, principalmente a que sofre o racismo, o preconceito, marginalização e discriminação, das péssimas condições de vida etc. E terá como atividade principal a cultura e o trabalho de base.

O movimento que decretou a nível nacional em 20 de novembro, consagração da Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil, contou com nossa participação. Formos às ruas nos manifestando no ato público realizado no Cacaialho às 17:30 hs, que organizamos. Por força da repressão do governo, entidades culturais como escolas de samba e grupos folclóricos de nossa cidade não puderam participar ativamente, pois se

VOCES TEM QUE PRODUIZIR O MÁXIMO PARA ENRIQUECER O PATRÃO.



ele desempenhar seu verdadeiro papel de defensor da classe operária. Os sindicatos são os maiores instrumentos de luta da classe operária.

Apavorados com a crise do governo, dos patrões e das multinacionais, devendo quase 70 bilhões de

dólares para os exploradores estrangeiros, eles apertam a política de arrocho salarial do governo que cada dia exige mais sacrifícios dos trabalhadores.

(um grupo de operários amigos da TO no Marco Polo — Casias do Sul, RS)

MORADORES DE PERIFERIA - RS

Sem ônibus, sem troco e conforto

Na nossa Vila Tijuca, em Alvorada, sofremos muito com o problema dos ônibus. A empresa Sola, encarregada das linhas Tijuca e Vila Elza, vem nos explorando com preços exorbitantes e nas horas de pico eles só largam ônibus executivos para passagens não terem mais cartas. Como se não bastasse, quase nunca recebemos o troco, os cobradores dizem que a empresa não fornece. No fim do mês, fazendo as contas, eu vai dar uma boa parte do nosso salário. Lá na vila quase todo mundo recebe salário mínimo.

Além disso os ônibus que chegam até a vila são muito poucos. Não tem de ser assim, pois a vila é grande e consegue e sempre superlotado, vai todo mundo amontoado. (Um morador da Vila Tijuca, leitor da TO — Alvorada, RS)

Preciso colher o que plantei

Eu, como lavrador, tomei posse de uma terra abandonada e, depois de algum tempo trabalhando nela, apareceu um tenente da polícia, o Amari (representante do Inera) e pediu para eu me retirar. Eu dei uma pausa e agora novamente me ranchei lá dentro. Estou desesperado pois preciso colher o que plantei para a minha vivência, porém não sei como vai ficar minha situação. (Um lavrador do Veckki — Cachoeira de Macacu — RJ)

POESIA SOBRE MUDANÇA NO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO

Mais três estrelas em nossa constelação

Numa tarde de verão no inverno, céu de azul surgiram mais três estrelas pra influenciar o Brasil

Elas vieram brilhar no escuro ministério que nem dinheiro tinha pra pagar o magistério

Já vimos noutras nações um astro ser presidente num erro, constelação o Brasil vai muito à frente.

E a constação do Portela que pensava ser o tal se quer aparecer tem que ser no carnaval. (Um funcionária da FMG — Belo Horizonte, MG)

Patrões que se cuidem



No interior da indústria Zanini os operários conquistam o direito de votar

Na madrugada de 18 de dezembro os capitalistas de Ribeirão Preto e Sertãozinho (SP) não puderam dormir direito. Caixas e caixas de fogos de artifício pipocavam nos bairros pobres da cidade. Eram os metalúrgicos, festejando a vitória da chapa 2 e a queda do traidor João Gonçalves, há 16 anos no sindicato.

Este foi o primeiro alerta aos patrões. "Eles que se cuidem, porque agora o sindicato é dos trabalhadores e não vai haver mais namoro entre os industriais e os empregados", afirma um metalúrgico, jovem, mas já consciente de que não há paz social entre duas classes antagônicas, a dos capitalistas e dos assalariados.

OLHOS ABERTOS

A festa só começou depois que os metalúrgicos viram a ata assinada. Afinal está já era o segundo escrutínio (no primeiro a Chapa 2 também ganhou só que não levou) e esperavam-se traíções da pelegagem e dos patrões. No final da apuração os resultados confirmaram o anseio da categoria em ver o sindicato dinamizado e combativo: a chapa 1, do pelego, ficou com 765 votos e a 2, que tem operários forjados na luta, ficou com 1.253. Das oito urnas, seis deram vitórias pra chapa 2.

Para encerrar esta primeira comemoração — haverá outra maior — houve cervejada bem frente ao Estádio de Sertãozinho, local onde os metalúrgicos realizaram suas assembleias de até cinco mil pessoas, durante a greve de abril de 1980. Foi nesta greve que muitos entenderam que o sindicato é uma importante arma nas mãos dos trabalhadores. Nas assembleias e durante a mobilização da categoria todos notaram a falta do pelego João Gonçalves e souberam que ele planejava com os patrões a formação de comitês de fura-greves. A partir daí nasceu a Chapa de oposição, composta pelos que mais se destacaram na greve.

MEDO DOS CAPITALISTAS

Com medo de novas paralisações, os patrões tudo fizeram para manter no trono seus agentes, os pelegos. Na Zanini, maior metalúrgica da região e reduto da chapa 2, houve até conversação entre os chefes e os traidores do sindicato

e as urnas foram escondidas num canto da fábrica. "Aqui não é o voto que é secreto, mas sim as urnas", comentava Wagner de Carvalho. Para acabar com a falta, Guerreiro, candidato a presidente do sindicato e metalúrgico na Zanini, teve que se dirigir para lá e mostrar a seus companheiros o caminho para as urnas.

Outro que, além dos patrões, acompanhou de perto as eleições e ficou descontente com a vitória dos trabalhadores, foi o superpelego Argeu dos Santos, presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo e ex-diretor do sindicato de Ribeirão.

A alegria dos metalúrgicos da região é muito grande e não é para menos. Afinal eles conseguiram derrubar uma fortaleza do peleguismo. Como explica Guerreiro, vários fatores contribuíram para isto. "O principal é que os companheiros de chapa são bastante respeitadores tanto em suas fábricas como pela categoria no conjunto, devido à direção acertada da nossa greve. E a formação da chapa foi bastante democrática. Além disso contamos com o apoio de muita gente. Até o prefeito de Sertãozinho (do PMDB) nos deu uma forte incentivo através dos advogados como o Abadias".

"A BRIGA VEM AGORA"

Guerreiro, desde quando começou a trabalhar como metalúrgico, há oito anos — participou da vida do seu sindicato, "apesar de não concordar com sua diretoria". Com bastante humildade, ele diz que "a briga dura vem agora, para recuperar a unidade. Vamos começar sindicalizando muita gente e criando novas subseções, além de dar cursos e debates e ajudar a organização nas fábricas. A tarefa é dura mas o que não falta na gente é vontade".

(Altamiro Borges, enviado especial)



Elettricistas da Bahia reunidos em assembleia na luta por salários justos

ELETRICITARIOS - BA

Sindicato agora com energia total

Grande vitória dos eletricitários da Bahia, ganharam as eleições do seu sindicato, realizadas na segunda semana de dezembro, pondo fim ao reinado de 17 anos do pelego Napoleão Topázio. A categoria, formada pelos trabalhadores da CHESF, COELBA e COBER, não brinca em serviço. Votou em massa e favoreceu a chapa 2 da oposição em 28 das 30 urnas, somando 3.446 votos contra 517.

A vontade de derrubar Topázio era forte. Todos sabiam dos seus envios com os patrões, sabiam das fraudes eleitorais e tinham fortes suspeitas de corrupção, como por exemplo de que familiares do pelego estudavam e viajavam para os Estados Unidos às custas do Sindicato. Seu filho viveu por labor aos trabalhadores da COELBA. "Oito ou seis outros estão sendo meu carro novo? Pois foram vocês que me deram?"

MANOBRAS MAS PERDEU

Sentindo o repúdio da categoria, Topázio fez de tudo para não perder o trono. Tentou atrasar o processo eleitoral, indicou seus velhos amigos para presidir as apurações, surgiu com as chaves da sala onde estavam as urnas lacradas, enfim utilizou todos os seus truques. A resposta, porém, foi forte e vigorosa.

As, segundo Marcus, "ações conjuntas como as que desenvolvemos em conjunto com o combativo sindicato dos eletricitários de Pernambuco, nas lutas salariais da CHESF, representam um importante passo na união de todos os trabalhadores e vamos em frente batalhando lado a lado com todos os sindicatos e trabalhadores".

Ele reafirma todo o programa da chapa. E lembra que "ações conjuntas como as que desenvolvemos em conjunto com o combativo sindicato dos eletricitários de Pernambuco, nas lutas salariais da CHESF, representam um importante passo na união de todos os trabalhadores e vamos em frente batalhando lado a lado com todos os sindicatos e trabalhadores".

AÇÕES CONJUNTAS

Ele reafirma todo o programa da chapa. E lembra que "ações conjuntas como as que desenvolvemos em conjunto com o combativo sindicato dos eletricitários de Pernambuco, nas lutas salariais da CHESF, representam um importante passo na união de todos os trabalhadores e vamos em frente batalhando lado a lado com todos os sindicatos e trabalhadores".

(da Sucursal)

Tribuna Operária

ENSINO E VESTIBULAR

Pobres longe da faculdade

O vestibular se transformou numa desesperada luta para milhares de estudantes que tentam obter uma vaga na universidade. Este ano, somente na Universidade de São Paulo, são 103.934 candidatos para 6.368 vagas. O vestibular é a última barreira a ser enfrentada antes de alcançar a faculdade e a seleção se faz muito mais pelo nível econômico do que pela capacidade intelectual do candidato.

Um número cada vez maior de estudantes procura uma vaga na universidade. Este ano, somente na Universidade de São Paulo, são 103.934 candidatos para 6.368 vagas. O vestibular é a última barreira a ser enfrentada antes de alcançar a faculdade e a seleção se faz muito mais pelo nível econômico do que pela capacidade intelectual do candidato.

ESTUDANTE POBRE DE FORA

A marginalização do estudante brasileiro começa desde o ensino do 1º grau. Os setores de mais baixa renda da população brasileira têm menores chances de frequentar escolas e quando as têm, começam a estudar mais tarde, são reprovados mais intensamente, evadem-se em maior número pela necessidade de trabalhar e usufruem de ensino de

mais baixa qualidade. Desde o início, de cada mil alunos que entram no ensino de 1º grau, somente 96 conseguem chegar ao 1º ano de universidade. E dos universitários, 80% provêm das camadas de renda mais alta. A seleção econômica fica ainda mais clara quando vemos que apenas 1,7% dos 127.230 candidatos inscritos na USP para o vestibular de 1980, pertenciam a famílias com renda abaixo de cinco mil cruzeiros mensais. A nível nacional, a última estatística disponível, do final de 1977, mostrava que 51% da população de renda mais baixa ficavam com somente 11,6% das vagas no ensino superior.

Durante os últimos 15 anos, enquanto o ensino oficial permaneceu estagnado, as escolas particulares cresceram assustadoramente. No ensino superior, até 1969 havia

mais alunos nas universidades federais que nas particulares e hoje somente 36% frequentam escolas públicas.

No ensino de 1º grau obrigatório dos 7 aos 14 anos de idade e gratuito nos estabelecimentos oficiais, de acordo com a Constituição) a situação não é melhor. Segundo uma pesquisa recente feita pela Fundação João Pinheiro, de Belo Horizonte, intitulada "Avaliação do Acesso da população de Baixa Renda a Serviços de Educação", não foi encontrada uma única escola pública na periferia da capital mineira que oferecesse a segunda etapa do curso de 1º grau.

Das poucas escolas oficiais que oferecem a segunda etapa do 1º grau, 61% estão concentradas nos bairros da Zona Sul, onde reside a elite. Da população de faixa etária entre 7 e 14 anos de Belo Horizonte, apenas 43% completam o 1º grau.

ENSINO RUIM E CARO

Se já é difícil para o pobre completar o ensino de 1º grau, no ensino de 2º grau a coisa piora. Em 1977, de um total de 30.631 cursos de 2º grau, 17.541 eram particulares. A pesquisa da Fundação João Pinheiro mostra que na capital de Minas 91,8% das escolas do 2º grau estão vinculadas à rede particular de ensino.

Grande parte do ensino está nas mãos de particulares, mas não é que dizer que o nível seja bom. Em 1977 foi aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito para averiguar a situação da educação no Brasil. A conclusão da CPI foi que "o nível de ensino superior no Brasil é considerado um dos mais baixos do mundo e propicia lucros fabulosos às entidades mantenedoras das faculdades (particulares), que se tornaram autênticos estabelecimentos comerciais, cujo único objetivo é o lucro fácil e imediato".

Numa situação dessas, não é de estranhar que o Cesgran-Rio, órgão encarregado de elaborar os vestibulares do Grande Rio, diga que é possível definir previamente os alunos que entrarão na universidade, apenas pela declaração do Imposto de Renda do pai. (Domingos Azeite)



Fiel Filho, vítima do Exército

CRIMES DA REPRESSÃO

JUSTIÇA

O Estado é culpado pela prisão ilegal, tortura e morte do metalúrgico Manoel Fiel Filho, há 5 anos, num quartel do Exército em São Paulo. Foi o que concluiu a Justiça, dia 17 de dezembro.

A sentença é do juiz Jorge Scartezini, da 5ª Vara Federal de São Paulo. Ele demonstrou que é falsa a versão oficial do Exército, de que Manoel havia se enforcado na prisão. Condenou o Estado a pagar uma indenização que poderá chegar a dez milhões de cruzeiros. E abriu caminho para a responsabilização dos assassinos, inclusive o general Ednardo D'Avila Melo, comandante do II Exército na época.

UMA PRIMEIRA VITÓRIA

"Foi uma vitória contra os que mataram papai" — dizia Marcia, 21 anos, filha caçula da vítima, abraçada a Dona Tezeta, sua mãe, que comentava chorando: "Não há dinheiro no mundo que pague a morte dele, mas sempre tive certeza de que meu marido morreu assassinado".

Na verdade foi apenas um primeiro passo, pode haver ainda recursos, prolações, enrolações, mas sem dúvida foi um êxito. E não só da família, mas de todos os brasileiros desejosos de justiça, com destaque para os metalúrgicos de São Paulo, a categoria de Fiel, de São



A viúva, Dona Tezeta. "Sempre tive certeza de que ele morreu assassinado"

JUSTIÇA AINDA QUE TARDE

O que os moveu a lutar

Tremoreou em dezembro o quarto aniversário do "chacina da Lapa", em que o Exército abateu a tiros Pedro Pomar, Ângelo Arroio e horas depois, na tortura, João Batista Drummond. E o oitavo aniversário do assassinato, igualmente cruel, de Carlos Danielli, Luis Guillardini e Bicalho Roque.

Assim, Dominga Guimarães, mãe de Carlos Danielli, veterana do movimento operário e comunista, sendo o primeiro membro da direção central do PC do Brasil desde 1934, Drummond e Roque, jovens ainda, haviam aderido ao partido já sob o regime militar. Mas do que a morte trágica nas garras dos órgãos repressivos, o que une estes nomes é a condição de comunistas, homens devotados até o fim à causa da libertação da classe operária.

Muitos trabalhadores se perguntam o que move os comunistas a sacrificar assim a vida, numa luta aparentemente desigual. São idealistas — dizem outros. O comunismo, porém, é mais que uma revolta ou uma ideal é uma ciência. Ele mostra, com o rigor das ciências exatas, que o capitalismo é um sistema social condenado à morte, devido às suas próprias contradições internas. Que a classe operária, filha enjaulada deste mesmo sistema, é a força que há de entrá-lo para sempre. E que para cumprir sua missão emancipadora o proletariado precisa organizar seu quartel geral, seu destacamento de vanguarda.

Em poucas linhas, são estas convicções que levam milhares de filhos da exploração e da luta de classes a combater.

Dias de Silva e tantos outros mártires do movimento operário e da luta pela emancipação da classe operária.

O CASO LUIS ROQUE

Na mesma época, o juiz Hélio Lisboa, também de São Paulo, atestava que o corpo enterrado como

indigente no cemitério de Perus, sob o nome de Nelson Lobo e na verdade o de Luis Eurico Tejera Lisboa, jovem gaúcho preso e "desaparecido" em 1970.

São os primeiros pedacinhos da realidade sinistra da repressão militar-fascista, que pouco a pouco vão surgindo à luz do dia.



Das crianças pobres que entram na escola, somente 2% chegam ao vestibular